



CARTA MENSAL

Colégio Brasileiro de Genealogia

Ano XXX - Nº 135 - mar/abr 2017

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

O Colégio Brasileiro de Genealogia, através de seu Presidente Fernando Antônio Ielpo Jannuzzi Júnior, lançará edital convocando os associados a participarem da Assembleia Geral Ordinária a ser realizada no próximo dia **11 de julho, terça-feira**, na Sala Cephas, mesmo endereço da Sede, Av. Augusto Severo 8, 12º andar, no bairro da Glória, no Rio de Janeiro, em **1ª Convocação às 13h**, e, em caso de não haver quorum (maioria absoluta dos sócios titulares residentes no Estado do Rio de Janeiro), em **2ª Convocação às 14h**, para tratar da seguinte Ordem do Dia:

1. Leitura da Ata anterior.
2. Aprovação do Relatório de Atividades do exercício 2016;
3. Aprovação do Balanço e das Contas de 2016, mediante parecer do Conselho Fiscal;
4. Deliberação de valores de anuidade e joia;
5. Abertura de inscrições para preenchimento das cadeiras vagas de titulares falecidos;
6. Exclusão de associados a pedido ou por falecimento;
7. Assuntos gerais.

O CBG conclama os Titulares a honrarem os trabalhos com sua presença, em especial os residentes no Rio de Janeiro, uma vez que a eles está subentendido um maior comprometimento. E ressalta a necessidade da participação de todos os demais confrades neste evento em virtude dos relevantes assuntos da pauta.

ARNO WEHLING ELEITO PARA A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

“É com imensa alegria, que a Direção do Colégio Brasileiro de Genealogia comunica que o historiador, pesquisador, ensaísta e professor Arno Wehling, foi eleito no último dia 9 de março, para ocupar a cadeira 37, na Academia Brasileira de Letras, sucedendo ao poeta Ferreira Gullar, falecido em 4 de dezembro de 2016. Esta Cadeira, que tem como fundador, Silva Ramos, foi também ocupada por Alcântara Machado, Getúlio Vargas, Assis Chateaubriand, João Cabral de Melo Neto e Ivan Junqueira.

Destaque-se que o novo imortal Arno Wehling é Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB que abriga em suas instalações a sede do CBG. Tendo ainda apoiado a realização do I Congresso de Genealogia do Rio de Janeiro em 2005.

Arno Wehling que é graduado em História e em Direito, foi professor da UFRJ e da UNIRIO, além de ser autor de dez livros nestes ramos do conhecimento.

O CBG tem certeza de que a ABL desfrutará de grandes contribuições deste incansável mestre e historiador.”

A nota acima foi distribuída pela Direção do CBG aos seus associados por ocasião da eleição. Cabe acrescentar alguns dados da biografia deste grande colaborador do Colégio Brasileiro de Genealogia.

Arno Wehling, nascido no Rio de Janeiro em janeiro de 1947, é filho de imigrante alemão e de uma catarinense também de origem germânica. Wehling graduou-se em História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e em Direito pela Universidade Santa Úrsula, tendo doutorado em História e livre docência em História Ibérica, ambos pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado pela Universidade do Porto.

Arno Wehling foi eleito Sócio Titular do IHGB em 1976, e seu Presidente, em 1996, tendo sido reeleito sucessivamente desde então.

No campo profissional foi Professor Titular da UNIRIO, Universidade da qual é Professor Emérito. Atuou na implantação e desenvolvimento dos Programas de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (antiga Universidade do Brasil) e em diversos cursos da Universidade Federal do Estado do

Rio de Janeiro – UNIRIO. Foi também docente da UFRJ, e das Universidades Gama Filho, da qual foi Reitor, e Veiga de Almeida. Foi professor visitante as Universidades de Lisboa (Clássica) e Portucalense.

Publicou os seguintes livros: Os níveis da objetividade histórica (1974); Fomentismo português no Brasil, 1769-1808, (1977); Administração portuguesa no Brasil, 1777-1808, (1986); A invenção da história – estudos sobre o historicismo (1994); Pensamento político e elaboração constitucional (1994); Formação do Brasil colonial (com Maria José Wehling, 1994, 5ª. edição revista 2012); Estado, História, Memória – Varnhagen e a construção da identidade nacional (1999); Documentos Históricos Brasileiros (2000); Direito e justiça no Brasil colonial – o Tribunal da Relação do Rio de Janeiro (com Maria José Wehling, 2004); De formigas, aranhas e abelhas – reflexões sobre o IHGB (2010, 2ª. edição 2017).

ASSOCIADOS SÃO NOTÍCIA

- **Cinara Jorge**, em sessão solene realizada no dia 13 de abril, na Sala Pedro Calmon do prédio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro-IHGB, tomou posse na Cadeira nº 15 no Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro-IHGRJ, cujo patrono é D. Pedro II, tendo sido saudada por Olinio Gomes Paschoal Coelho (Cadeira nº 32). Em sua alocução, Cinara fez o elogio de praxe ao patrono e concentrou sua fala na personagem principal de suas pesquisas, a fundadora da cidade onde nasceu e reside (Três-Rios-RJ), a Condessa do Rio Novo, D. Mariana Claudina Pereira de Carvalho. Na ocasião foram também empossadas Ismênia de Lima Martins (UFF – Universidade Federal Fluminense e IHGB), Roselene de Cássia Coelho Martins (sócia-fundadora do IHG de Vassouras-RJ) e Beatriz Kushnir (diretora do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro).



NOTÍCIAS DO CBG

- Novos associados – O CBG dá as boas-vindas aos novos associados aprovados pela Diretoria para integrarem o Quadro Associativo. São eles os Colaboradores: **Heitor Luiz Murat de Meirelles Quintella** e **Renata Moraes Franceschi**, ambos do Rio de Janeiro e **Antonio Seixas**, de Magé, RJ.
- Anuidade – a Assembleia Geral do CBG manteve para 2016 os mesmos valores de anuidade que vigoraram em 2015, ou seja R\$ 120,00. Os boletos para pagamento enviados para os associados definiam como data limite para pagamento o dia 28 de dezembro de 2016. O CBG pede aqueles que não receberam ou tiveram o boleto extraviado, que entrem em contato com a Tesoureira Maria Lucia Machens através do e-mail lalumachens@gmail.com.
- Biblioteca – Informamos aos novos associados - e recordamos aos antigos - que o Estatuto CBG traz em seu Art. 12 - item b a obrigação do associado em "doar à biblioteca um exemplar das publicações de sua autoria nas áreas de interesse do Colégio". Em razão do exíguo espaço para guarda, só temos como adicionar a nosso acervo obras eminentemente genealógicas ou que tenham, em seu conteúdo, pelo menos uma boa parte que trate de genealogia, nossa precípua razão de existência.

Registramos nossos agradecimentos aos que enviaram volumes de sua autoria, ou de outrem, para ampliar o acervo do CBG. São os seguintes os livros registrados no período:

- *Ciará Grande – uma província portuguesa no Nordeste Oriental do Brasil*, de Francisco Augusto de Araújo Lima. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora. 2016. 4 volumes. Os quatro volumes do livro compreendem 2.300 páginas tratando de cerca de duas mil famílias através não só das informações habituais obtidas através dos termos de batismo, casamento e óbito da Igreja Católica, como também de outras fontes como os processos da Inquisição. Doação do autor.

- *Descendência de Francisco Teodoro Teixeira e Maria Emerenciana Andrade*, de Maria Ester Teixeira. Campinas, SP: Book Editora, 2014. O livro trata da ascendência, desde o século XVI, de Francisco Teodoro Teixeira (1797/1870) e Maria Emerenciana Andrade (1800/1868), que viveram na Fazenda Retiro dos Dois Irmãos, na Região de Madre de Deus de Minas e que através de onze filhos deixaram inumerável

descendência principalmente no sul de Minas Gerais, mas também em outros estados do país. A mesma altura publicou em 2005 o livro *Carrancas, Laços e Entrelaços Familiares*. Doação do associado titular Nelson Vieira Pamplona.

- *Família Hönemann Henemann – Andenken*, de José Carlos Henemann, e de Regina C. Fontana. Curitiba: Multi-Graphic Gráfica Editora, 2017. O livro complementa as informações sobre a genealogia dessa família apresentada em livro editado em 2016. O livro apresenta ainda. Doação do autor.

FALECIMENTOS

A Diretoria, em nome de todo Quadro Social, lamenta o passamento, no Rio de Janeiro, dos associados **Tiette do Valle Antonio Guimarães**, em 26/01/2016, e de **Bricio Cardoso Lemos**, em 26/05/2016, e **Lais Ottoni Guedes Barbosa**, em 28/05/2016.

- **Tiette do Valle Antonio Guimarães**, filha de Pedro Antonio e de Maria do Valle Antonio, nascida em 9/08/1933, em Petrópolis, RJ. Funcionária pública, ela era associada ao CBG desde 1993.
- **Bricio Cardoso Lemos**, nascido em 6/09/1924, em Tobias Barreto, SE, filho de Pergentino Cesar de Lemos, era professor aposentado, tendo ingressado no CBG em 2003.
- **Lais Ottoni Guedes Barbosa**, nasceu em Teófilo Otoni, MG, em 08/03/1921, filha de José Cabral Barbosa e de Anna Ottoni Guedes Barbosa.



Foi Assistente Social e Psicóloga mas dedicou muitos anos à Genealogia, tendo inicialmente publicado o livro *Os Ottoni, Descendentes e Colaterais* lançado no Instituto Italiano di Cultura do Rio de Janeiro, em 2000. No livro se pode acompanhar a trajetória familiar desde 1708, quando Manoel Ottoni se casou com Maria Thereza Bisi, em Gênova, na Itália, e sua vinda para o Brasil com o filho Jorge, em 1724, procedente de Lisboa.

Em 2004 foi eleita Sócia Titular do CBG, ocupando a Cadeira número 7. Neste mesmo ano tornou-se membro correspondente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba – SP, além de ter completado o trabalho *Povoadores do vale do Mucuri*, em que estuda o início do povoamento, a imigração e sua importância para o processo de desenvolvimento da Região.

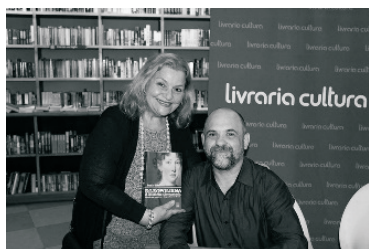
Em 2005, lançou a obra *Raízes Mineiras*, em que faz um estudo genealógico das famílias Costa Pinto e Ferreira da Cunha, cujos integrantes desempenham ainda importante papel na vida social e política de nosso país. Acompanhando também os sucessos e os percalços de seus descendentes, que mantiveram sempre vivas as tradições familiares, de cumprimento dos deveres de cidadania, e amor à Pátria. Em 2014 foi admitida como Convidada de Honra da Academia de Letras de Teófilo Otoni.

LANÇAMENTOS

Maria Leopoldina Carolina Leopoldina Josefa de Habsburgo-Lorena, primeira princesa europeia a se casar no continente americano, aqui chegando há 200 anos, em 1817, ficou conhecida no imaginário brasileiro como o vértice frágil do mais célebre triângulo amoroso da história, integrado por ela, o primeiro imperador brasileiro e Domitila de Castro, a marquesa de Santos.

São esses três personagens o tema dos quatro livros de Paulo Rezzutti, arquiteto, pesquisador de História e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo: pela Geração Editorial, *Titília e o Demonão: Cartas inéditas de D. Pedro à marquesa de Santos* (2011) e *Domitila: A verdadeira história da marquesa de Santos* (2012); e pela LeYa, compondo a série 'A história não contada', *D. Pedro – O homem revelado por cartas e documentos inéditos* (2015, vencedor do Prêmio Jabuti 2016 na categoria Biografia) e o mais recente, *D. Leopoldina – a mulher que arquitetou a Independência do Brasil*.

Na biografia da imperatriz, o autor revela muito mais do que a esposa traída à luz do dia. Leopoldina foi um elemento político importantíssimo para o Brasil e tornou-se uma das articuladoras do movimento que visava à permanência de D. Pedro no país. Mais do que isso, revelou-se uma estrategista do processo de Independência.



Até o fechamento deste número da Carta Mensal, esta última obra teve noite de lançamento nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Paulo Rezzutti é também genealogista e, mesmo não associado, é amigo do CBG, tendo participado como palestrante em evento de celebração pelo Mês da Mulher, em março de 2013. Na foto, registro do lançamento em São Paulo, onde ao lado do autor vemos a associada Leila Ossola, do Rio de Janeiro.

Lúcia Helena Oliveira Silva, professora da Unesp da cidade de Assis, SP, lançou, em fevereiro do corrente ano, o livro *Paulistas Afrodescendentes no Rio de Janeiro pós-Abolição (1888-1926)* pela Editora Humanitas. O livro analisa a migração de ex-escravos e afrodescendentes do estado de São Paulo para a cidade do Rio de Janeiro após a Abolição da escravidão, propiciando ao leitor descobrir o contexto e os desafios sociais, econômicos e raciais enfrentados pelos libertos no deparar-se frente à modernidade carioca na virada do século XIX e a sua consolidação nas primeiras décadas do século XX. Ao se investigar estatísticas policiais, processos crime e o que foi publicado na imprensa local depara-se com trajetórias, expectativas, projetos de vida e desafios de pessoas que não seguiram as ideias ou tendências de sujeição comuns no lançar-se rumo às relações de trabalho livre e assalariado, ao realçar um protagonismo ou agenciamento negro que rompe com a ideia de anomia e total sujeição."

<https://editorahumanitas.commercesuite.com.br/lancamentos/paulistas-afrodescendentes-no-rio-de-janeiro-pos-abolicao-1888-1926>

Mary del Priore publicou o livro *Documentos Históricos do Brasil*, pela Editora Panda Books, que apresenta importantes documentos que retratam a memória do país, tais como a Carta do Marquês de Lavradio sobre as dificuldades financeiras de manter as capitanias; o Manifesto do Fico; Carta-juramento da imperatriz Leopoldina de fidelidade à nação brasileira; Carta de d. Pedro II a seu pai, falando de sua rotina com o tutor; um exemplo de matrícula de propriedade de escravos; a Lei Áurea; a Carta-testamento de Getúlio Vargas e a manchete do Jornal do Brasil com o AI-5. É especialista em história do Brasil. Lecionou em várias universidades brasileiras, como a USP e a PUC-Rio, tendo mais de quarenta livros publicados.

<https://www.pandabooks.com.br/livro-documentos-historicos>

MEDIDA PROVISÓRIA ALTERA REGITRO DE NASCIMENTO

O Presidente da República através da Medida Provisória nº 776, de 26 de abril de 2017 introduziu algumas alterações na Lei de Registros Públicos – (Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973), especialmente no que se refere à Certidão de Nascimento.

Assim, a partir dessa data as **“certidões de nascimento mencionarão a data em que foi feito o assento, a data, por extenso, do nascimento e, ainda, expressamente, a naturalidade”** (Art. 19, § 4º). E mais adiante foi incluído um parágrafo explicando que **“naturalidade poderá ser do Município em que ocorreu o nascimento ou do Município de residência da mãe do registrando na data do nascimento, desde que localizado em território nacional, cabendo a opção ao declarante no ato de registro do nascimento”** (Art. 54, § 4º).

Também foi incluído um parágrafo específico para o caso de adoção iniciada antes do registro do nascimento: **“Na hipótese de adoção iniciada antes do registro do nascimento, o declarante poderá optar pela naturalidade do Município de residência do adotante na data do registro, além das alternativas previstas no § 4º”** (Art. 54, § 5º).

A Exposição de Motivos que encaminha a MP diz que a Lei de Registros Públicos não autoriza para que se considere a naturalidade do recém-nascido o município de residência dos seus pais, considerando-se o recém-nascido como natural do local de ocorrência do parto, “em detrimento de seus vínculos sócio afetivos, culturais e de identificação da pessoa perante a sociedade”.

Como consequência da legislação agora alterada, as estatísticas de nascimentos em certas localidades não refletem o quantitativo de novos indivíduos residentes naquele local, já que a simples ausência de maternidade em um Município distorça as informações oficiais e os aspectos da personalidade dos indivíduos por um mero critério registral estabelecido na legislação.

Texto da Medida Provisória e sua Exposição de Motivos podem ser acessados através de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Mpv/mpv776.htm.

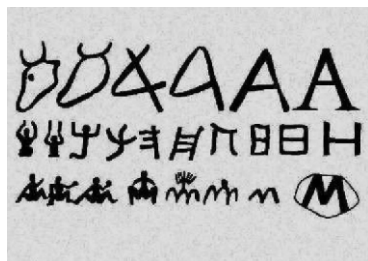
A Associada Colaboradora e 1ª Tesoureira do CBG Maria Lucia Machens escreveu um texto didático sobre a Paleografia. Tendo em vista o interesse para o pesquisador genealogista que procura informações em documentos manuscritos de séculos passados, a Carta Mensal vai apresentá-lo em duas partes. A 1ª de caráter conceitual e histórico e a 2ª mais prática.

1ª Parte

A origem do vocábulo paleografia é grega: ela é formada pela junção do prefixo pale(o) + o sufixo graf(o) + ia. O termo paleo significa antigo e o termo grafia significa a arte de gravar, escrever, portanto, corresponde a escrita, a caligrafia.

Podemos definir paleografia como o estudo da escrita antiga sob qualquer tipo de material, entre eles, as tábuas de argila, barro cozido, terracota, ou pedras, o papiro, folhas de árvores, casca de árvores, o pergaminho (pele de cabra, couro) e o papel (inicialmente feito de seda, cânhamo ou linho).

A paleografia também abrange o estudo das diferentes formas e estilos de escrita, hieróglifos, significados de símbolos, alfabetos antigos, caligrafias, e todas as suas variações através dos séculos, culturas e povos. Enfim, paleografia é a arte de decifrar manuscritos e escritos antigos, documentos da Idade Média ou posteriores



Escrita pictográfica



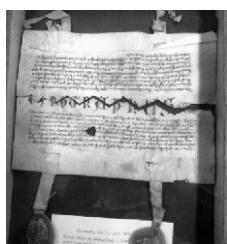
Texto corrido grego arcaico

A criação da escrita é um grande feito da humanidade. Inicialmente foram cunhados símbolos em placas de barro e pedras chamados de desenhos pictográficos que simbolizavam palavras. Datam de 6000 anos atrás as primeiras placas de barro criadas na cidade de Uruk, com a escrita pictográfica.

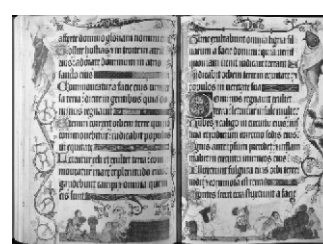
Os sumérios e acádios praticavam a escrita cuneiforme cunhadas no barro, mas estas eram pesadas e difíceis de manusear, enquanto os egípcios desenvolveram a escrita dos hieróglifos, que posteriormente foram adotadas por outros povos, dentre eles os babilônios, assírios, elamitas e hititas. Muitos dos símbolos pictográficos destes povos foram combinados e surgiu o alfabeto proto-canaanita com cerca de 30 elementos, que será o ponto de partida do alfabeto fenício, reduzido para 22 caracteres, criado em 1000 a.C., que vendeu este alfabeto, como mercadoria, para a Grécia, que o transformará para o grego arcaico.

O alfabeto grego deu início a um texto com uma sequência de letras seguidas, sem espaços e sem pontuação. A primeira letra começava da esquerda para a direita na primeira linha e ao chegar no final da linha, voltava da direita para a esquerda, em ziguezague.

Já o alfabeto latino surge em 700 a.C. e apesar de descender do alfabeto grego, inicialmente o texto era escrito da direita para a esquerda, também em ziguezague, posteriormente o texto será escrito da esquerda para a direita sem ziguezague, mas há registros do uso esporádico de uma série de sinais: o ponto, o espaço, o travessão, o hífen e o traço de união, a fim de separar grupos de palavras..



Na época medieval contratos eram cortados cada interessado guardando uma partes



Texto medieval em latim em escrita gótica com pontos e dois pontos

Alguns destes signos podiam acumular funções, o ponto, por exemplo, podia indicar uma abreviatura M. TVLLIVS = Marcus Tullius; podia também indicar rasura (ponto colocado sobre ou sob a letra), era também usado para separar as sílabas MAR.CVS ou palavras, grupos de palavras ou frases, MARCVS.TVLLIVS.

Com o passar dos séculos foram introduzidos a vírgula, dois pontos, ponto-e-vírgula, travessão, letras maiúsculas e minúsculas, hifens, pontos de interrogação e exclamação.

O paleógrafo é a pessoa que se especializa na técnica de identificar, compreender e traduzir manuscritos ou textos, dos caracteres originais e ininteligíveis, para uma forma moderna de escrita. Antigamente o texto era corrido, a pontuação era inexistente (a falta de pontuação pode ocasionar interpretações diversas do texto), portanto, o paleógrafo, com o seu conhecimento técnico e a sua interpretação, muitas vezes ressuscita o documento ou texto até então, de difícil leitura.

O trabalho do paleógrafo é de suma importância, porque mostra a evolução da história da escrita e das letras do alfabeto latino, revela inúmeros acervos documentais, resgata as informações de grande relevância histórica, além de ser um instrumento de preservação e testemunho de existência cultural.

O paleógrafo tem que ter a habilidade de:

- decifrar a caligrafia de diversos estilos e épocas;
- conhecer as diversas grafias do alfabeto no decorrer dos séculos;
- separar as palavras que aparecem unidas no texto original;
- transcrever com pontuação;
- colocar a acentuação;
- ter conhecimentos de ortografia antiga;
- ler e transcrever números;
- identificar e elucidar as abreviaturas; siglas e letras sobrescritas;
- elaborar glossários e assim contribuir para a divulgação, compreensão e preservação destes manuscritos.

A ÁRVORE GENEALÓGICA DE TODOS OS ALGARVIOS

O Semanário Regional do Algarve Barlavento publicou em seu site, em 16/09/2016, um artigo de seu Diretor Bruno Filipe Pires, sob o título A Árvore Genealógica de Todos os Algarvios. Tendo em vista a qualidade das informações fornecidas pelo pesquisador Nuno Campos Inácio, tanto para os que se interessam pela genealogia algarvia, mas como de todo Portugal, o CBG está publicando o trabalho em duas partes. O texto pode ser lido no endereço <http://barlavento.pt/destaque/a-arvore-genealogica-de-todos-os-algarvios>

2ª Parte

Algarvios tinham “uma cadeira e um burro”

Ainda recuando ao Algarve do século XIX, o analfabetismo “era gritante. Numa localidade pequena, por exemplo, como a Guia, que teria cerca de 1000 pessoas, só 20 ou 30 saberiam ler e escrever”. Era uma sociedade muito hierarquizada.

Portanto, “tivemos uma evolução brutal no último século, em termos humanos. Quando vemos um inventário orfanológico” – a lista obrigatória de bens de alguém que morria tendo um filho menor – “percebemos isso. As pessoas tinham uma mala, lençóis, uma cadeira, havia quem tivesse um burro, e mais nada”.

“E até ao século XIX, todo o Algarve tinha mais ou menos a população que hoje Portimão tem, cerca de 50 mil pessoas. Era praticamente um deserto”.

Perguntamos a Nuno Campos Inácio que mais tem aprendido com este estudo dos ancestrais?

“Somos todos primos. Estou a falar em algarvios primitivos, que tem pelo menos cinco gerações de pessoas do Algarve. Só para ter uma ideia da dimensão disto, eu fiz o levantamento de Portimão e descobri 10 mil pessoas de Lagoa. Ou seja, as pessoas que são hoje de Portimão, os seus ascendentes já eram de Lagoa. Existe uma grande ligação familiar entre as pessoas destes dois concelhos. Pegamos na listagem para ver a descendência e vemos que somos mesmo todos primos”, garante.

O mito do terramoto de 1755

Uma das ideias comuns associadas ao estudo da genealogia em Portugal, é que apenas se pode recuar até ao tempo do Marquês de Pombal. Isto porque o grande terramoto de 1 de novembro de 1755 e os incêndios que se seguiram, terão destruído muitos registos nas igrejas. O investigador algarvio desfaz esse mito.

“Há algumas freguesias onde isso aconteceu, mas foram muito poucas. O que acontece é que às vezes nalguma freguesia desapareceu um livro, e fica ali um espaço de 20 ou 30 anos sem registos. Às vezes perdem-se coisas, mas não nessa dimensão. Por exemplo, em Portimão, existem registos desde 1575. Em Faro, também. Em Loulé há livros desde 1560”.

Noutras freguesias, praticamente desde o século XVII todas têm. Uma exceção é Albufeira, porque muitos livros foram destruídos pelas guerrilhas do Remexido já no século XIX.

“Normalmente, existem registos a partir do século XVI e é possível recuar 25 gerações a partir da atualidade”, diz.

E na genealogia de certas famílias nobres, é possível recuar até ao tempo de Ramsés I. “Sim, entramos no campo da monarquia”, onde é mais fácil seguir as linhagens.

Pode parecer ironia, mas são os tempos modernos que mais problemas causam ao investigador. “Por causa da lei da proteção de dados, só podemos ver registos com mais de 100 anos. Isto faz com que o projeto pare a partir de 1910”.

Uma solução “é convidar as populações a fornecer voluntariamente dados contemporâneos”. Por outro lado, parte mais recente dos levantamentos – de 1850 a 1910 – apenas está disponível no Arquivo Distrital de Faro.

Cada caso é um caso e cada freguesia não tem nada a ver com outra “No caso da Guia, fiz o índice onomástico. Isto é algo que se faz para ver a evolução dos nomes, desde o século XVI, em intervalos de 50 anos. É engraçado porque percebemos que os nomes deste período não têm nada a ver com os atuais. Também dá para fazer este estudo pelos apelidos para se perceber quais as famílias mais antigas e numerosas”, explica.

Ainda em relação aos nomes, tal como os entendemos hoje, são uma formalidade recente.

“Temos de ter consciência de uma coisa. Até 1910, toda a gente só tinha um único nome próprio. Depois, compunham o resto do nome noutras alturas da vida. Quando faziam o crisma, ou quando casavam, ou quando atingiam a maturidade”. Então, tinham várias opções à escolha. Podiam adotar o apelido do pai, da mãe, ou então o nome próprio destes como seu próprio apelido. Ou então, o apelido do padrinho.

“Isto fazia com que houvesse cinco ou seis irmãos, cada um com o seu apelido. Só com a implantação da República é que as pessoas recebem o nome completo ao nascimento”.

Da Inquisição à igreja dos Mórmons

Outra fonte de informação são os processos do tribunal do santo ofício (Inquisição), do início do Século XVI e com os quais Inácio diz ser possível recuar mais, até meados do século XV.

Também são dignos de nota as chancelarias régias e processos de habilitação às ordens religiosas – documentos estes que serviam para as pessoas “provarem a pureza do sangue” e o seu “estatuto” social, por exemplo, para poderem ser armados cavaleiros.

Mas há mais. “Outra fonte de informação importante tem a ver com os morgados, que eram propriedades de grandes dimensões que não podiam ser divididas entre herdeiros. Passavam sempre para o filho varão mais velho, que a recebia, e ficava com o encargo de sustentar os irmãos. Percorrendo a passagem dessas grandes terras, ficamos a conhecer a genealogia dessas pessoas”.

Todos estes documentos estão em português arcaico, escritos à mão. Decifrá-los “é uma questão de hábito”. Em média, “perde-se ali uma hora até se entrar na caligrafia”, contabiliza.

A base do trabalho deste investigador é uma máquina de ler microfílm, os quais adquire à Torre do Tombo, em Lisboa. Uma curiosidade é que todo o trabalho de digitalização deste material histórico tem sido feito pelos mórmons por questões que têm a ver com os credos desta religião, e “que não me cabem a mim discutir”, diz Nuno Campos Inácio.

“Os mórmons têm o maior acervo mundial de documentos. Têm acordos com vários Estados para fazerem esse tipo de tratamento, a troco de uma cópia do trabalho realizado. E ainda bem que o fazem, porque senão hoje teríamos de ir a Lisboa” fazer as pesquisas.

“Aliás, basta ir a qualquer templo mórmon” como o que existe em Faro, “e pedir para consultar os documentos. Todos os genealogistas fazem isso”.

Ilustres algarvios e seus descendentes

No próximo ano, o mentor do projeto vai ter que abrandar o ritmo, dado que o município de Monchique cancelou o levantamento. Fica limitado à freguesia do Alferce. A novidade é que em breve serão disponibilizados os dados sobre o município da Vila do Bispo.

Nuno Campos Inácio tem recuperado assim para a memória coletiva centenas de milhar de pessoas cuja existência só se conhece através da consulta de documentos antigos, principalmente desde o séc. XV ao início do séc. XX, organizando-os no tempo, no espaço, na família e na sociedade correspondente, como um puzzle gigantesco.

A esses anónimos, liga figuras históricas da região algarvia ou ilustres descendentes de algarvios, surgindo no portal nomes como Luís Vaz de Camões, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Eça de Queirós, Mouzinho de Albuquerque, Alexandre O'Neill, Ramalho Ortigão, Chico Buarque e José Mourinho.

Além dos 200 mil nomes, há mais de 2 milhões e 500 mil dados registados, divididos entre nome, apelido, filiação, data de nascimento, data de casamento, data de óbito, local de nascimento, local de óbito, residência, freguesia, profissão, título, estatuto social, causa da morte, notas biográficas e fotografias.

OUTRAS NOTÍCIAS

A Carta Mensal 133, na página 7, publicou o artigo O Direito cai na Real. Cabe acrescentar que ele foi escrito pelo professor de Direito Civil da UERJ Anderson Schreiber e publicado em O Globo de 6/10/ 2016. O artigo trata de assunto analisado nas Cartas Mensais 130 e 132 sob o título geral de A FAMÍLIA DE HOJE. Estas publicações têm o intuito de incentivar o debate de tema que, no futuro, poderá ter influência em estudos genealógicos.

REMETENTE



COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA
www.cbg.org.br

EXPEDIENTE

Boletim Informativo
COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA

Av. Augusto Severo, 8 - 12º andar - Glória
20021-040 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2221-6000

Diretoria: Presidente Fernando Antonio Ielpo Jannuzzi Junior
Vice-Presidente Roberto Guião de Souza Lima
1º Secretário Victorino Coutinho Chermont de Miranda
2º Secretário Guilherme Serra Alves Pereira
1º Tesoureira Maria Lucia Machens
2º Tesoureiro Attila Augusto Cruz Machado
Dir. Publicações Marcio Miller Santos
Conselho Fiscal: Gustavo Almeida Magalhães de Lemos
Luiz Alberto da Costa Fernandes
Nelson Vieira Pamplona

Horário de funcionamento: 3ª-feira de 14 às 17 horas

Página: www.cbg.org.br

Email: cbg@cbg.org.br

Diagramação: Escale Serviços de Informática

Impressão: Letras e Versos

DESTINATÁRIO

IMPRESSO